



**O CINEMA CLÁSSICO DE
DOROTHY ARZNER**

cinemateca
6/30 dezembro 2022

O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER

Dorothy Arzner (1897-1979) é um nome familiar nas comunidades da cinefilia deste mundo. O de hoje, que deu uma nova vida à sua obra com o restauro e divulgação dos filmes realizados em Hollywood entre finais dos anos 1920, ainda o cinema era mudo, e o início da década de 1940, em plena época alta do sistema que burilou o classicismo do cinema americano *dos estúdios*. Foi uma das suas protagonistas e um dos nomes sacrificados à tradição masculina da história, que veio a resgatá-la, num primeiro momento, por via dos estudos feministas dos anos 1960/70. Chegando no século XXI a círculos concêntricos de raio alargado, o cinema de Dorothy Arzner é para ser visto como uma das obras clássicas a considerar no contexto da Hollywood em que a sua presença e assinatura granjearam prestígio. Esta retrospectiva em Portugal mostra a totalidade dos filmes subsistentes: treze longas-metragens (de *GET YOUR MAN*, 1927, a *FIRST COMES COURAGE*, 1943), além do segmento que Arzner realizou como parte de um filme coletivo celebrando o estúdio com o qual manteve a mais fértil relação de trabalho (*PARAMOUNT ON PARADE*, 1930), do exemplo de um título da sua filmografia anterior à realização (*THE RED KIMONA*, Walter Lang, Dorothy Davenport, 1925), e do documentário alemão centrado na sua vida e obra (*SEHNSUCHT NACH FRAUEN: DOROTHY ARZNER*, Katja Raganelli, Konrad Wickler, 1983).

Tendo estudado medicina, tendo sido condutora de ambulâncias para participar no esforço de guerra durante o primeiro conflito mundial, estando familiarizada com técnicos e estrelas de cinema desde muito pequena – a partir do concorrido café-restaurant da família em Los Angeles – e usufruindo de uma condição financeira confortável, Dorothy Arzner chegou ao cinema porque se entusiasmou numa altura, de guerra, em que a indústria precisava de trabalhadores. Começou na Famous Players-Lasky Corporation (Paramount), com William DeMille, em 1919. Foi secretária, estenógrafa, argumentista, montadora. Deu provas de quão boa era no ofício numa extensa lista de filmes e sempre soube que o que lhe interessava era realizar, oportunidade que forçou e agarrou tomando a abertura do bom acolhimento dos seus filmes. Foi o que foi a partir de 1927, realizadora. Não é claro por que razão deixou de exercer em Hollywood a partir de 1943, insistindo Arzner que nunca abandonara Hollywood, quando passou a dedicar-se a filmes do Women's Army Corps durante a II Guerra ou, mais tarde, a anúncios publicitários. Esteve também envolvida em produções de teatro e na rádio, e manteve uma relevante atividade no ensino de cinema, na Pasadena Playhouse e mais tarde na UCLA, marcando uma série de jovens alunos (o mais célebre dos quais Francis Ford Coppola, outra menção inescapável).

Foi a UCLA, na Califórnia, a instituição que promoveu a divulgação da sua obra, a partir das suas coleções e do programa que lhe dedicou em 2003, reincidindo em 2015: a UCLA celebrava “uma figura notável e única na história do cinema americano [que] construiu uma carreira caracterizada por uma visão do mundo pessoal e uma voz distintamente reconhecível”, diferenciando-se

por ser “uma acutilante contadora de histórias alinhadas pelas perspectivas e experiências das mulheres”. *Directed by Dorothy Arzner*, a monografia de Judith Mayne, foi originalmente publicada em 1994, e mantém-se como uma fonte de referência, notando o percurso de exceção na história do cinema de Hollywood – “a mulher que teve êxito como realizadora numa carreira que atravessou três décadas”. Mayne foi também a primeira a notar: “Ao fim e ao cabo, a competência foi muito mais determinante que o brilhantismo ou a originalidade para que a sua carreira fosse viável”. Nos últimos vinte anos, os filmes de Arzner têm vindo a ser vistos em retrospectiva como uma “peça” dessa história obliterada ao longo de décadas, podendo ser apreciados pelas suas próprias qualidades e pela originalidade que lhes dão forma no quadro das convenções do *studio system*. Balançou sobretudo entre os géneros do melodrama e da comédia romântica, com as voltas surpreendentes da perspectiva com que filmou as histórias e o fulgor com que iniciou e cultivou atores e atrizes que se tornariam estrelas luminosas. Não há entrada biográfica ou texto analítico que não refira que Dorothy Arzner foi a mais prolífera e, a bem



dizer, a única realizadora de Hollywood a filmar regularmente entre os anos 1920 e 40, e aquela que passou do mudo ao sonoro e do pré ao pós-Código Hays, quando, mais rígida e mais puritana, Hollywood se tornou pouco conforme com a ousadia das suas visões e personagens: dezasseis filmes entre 1927 e 1943, num “desempenho” lapidariamente resumido por Katharine Hepburn por altura do tributo prestado a Arzner pelo Directors Guild of America em 1975:

– “Isn’t it wonderful that you’ve had such a great career, when you had no right to have a career at all?”



- ▶ Terça-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MERRILY WE GO TO HELL

Quando a Mulher se Opõe

de Dorothy Arzner

com Sylvia Sidney, Fredric March, Adrienne Allen,
Richard "Skeets" Gallagher, Cary Grant

Estados Unidos, 1932 – 78 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme da década de 1930 pré-código Hays realizado por Dorothy Arzner, cujo título vem de uma fala de Fredric March e que deu brado pela incorreção política, extensível às linhas do argumento em que há, alcoolismo, romance, casamento, gravidez, adultério, abuso: em MERRILY WE GO TO HELL Sylvia Sidney é uma jovem rica que casa com um jornalista-dramaturgo alcoólico, a quem a dada altura propõe que mantenham "um casamento moderno" em que a infidelidade dele tenha o reverso da dela. A relação das personagens é turbulenta, o filme é espampanante. Então quase desconhecido, Cary Grant surge no papel da conquista mais sedutora de Sidney. Foi a última realização de Arzner na Paramount. Mostrado pela primeira vez na Cinemateca em dezembro de 2019 num "double bill" (com LES AMOUREUX SONT SEULS AUX MONDE de Henri Decoin), é apresentado em cópia digital.



- ▶ Terça-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GET YOUR MAN

À Procura de Um Noivo

de Dorothy Arzner

com Clara Bow, Charles Rogers, Josef Swickard,
Josephine Dunn, Harvey Clark

Estados Unidos, 1927 – 60 min

mudo, com intertítulos legendados eletronicamente
em português | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO
POR FILIPE RAPOSO

Depois de FASHIONS FOR WOMEN e TEN MODERN COMMANDMENTS (os filmes de estreia, também de 1927), a terceira produção Famous Players-Lasky (Paramount) de Arzner é o primeiro dos títulos subsistentes da sua filmografia na realização (a que falta material e que foi recuperado em anos recentes pela Library of Congress). No registo da comédia romântica, de irreprimível energia e um saudável sentido de humor desamarrado dos bons costumes, GET YOUR MAN é o filme em que Clara Bow é uma americana em Paris: Nancy apaixonou-se pela personagem interpretada por Charles "Buddy" Rogers (então conhecido como "o namorado da América"), com quem se cruza e volta a cruzar num mesmo dia de acasos, estando este comprometido desde miúdo com outra rapariga, não necessariamente interessada em tal noivado. A dança de pares envolve jovens pretendentes, os pais deles e a estonteante liberdade de movimentos de Bow, estrela cintilante do firmamento hollywoodiano dos anos 1920/30. Escreveu acertadamente Jeanine Basinger (a propósito de uma projeção do filme no San Francisco Film Festival 2017), "a ligeireza de GET YOUR MAN não impede que revele uma das marcas de Arzner – uma celebração do triunfo da sexualidade feminina".

-
- ▶ Quarta-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
 - ▶ Sábado [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE WILD PARTY

Louca Orgia

de Dorothy Arzner

com Clara Bow, Fredric March,
Marceline Day, Shirley O'Hara

Estados Unidos, 1929 – 77 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Conhecido como o primeiro *talkie* de Clara Bow, o primeiro filme falado de Dorothy Arzner teve uma versão muda para distribuição em salas ainda não equipadas para “o sonoro”, embora a voz de Bow, e o seu sotaque de Brooklyn, tenham dado que falar. Para a história ficou o registo do nervosismo da atriz com as exigências inerentes à captação de som na rotação e a solução encontrada pela realizadora que engendrou um microfone “com perche” (uma cana de pesca) que permitisse a movimentação de Bow nos cenários. Ambientada num colégio de raparigas, a história segue as personagens de Stella, a aluna mais popular (Bow), e do jovem atraente professor de antropologia (Fredric March, num dos quatro filmes em que foi dirigido por Arzner nos primeiros anos da sua carreira). “O uso expressivo da liberdade que a invenção de Arzner [o *boom microphone*] permitiu à sua realização é aquilo que confere ao filme mais do que uma importância meramente histórica e tecnológica” (Luke Aspell, *Senses of Cinema*, 2017).



-
- ▶ Quarta-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
 - ▶ Sexta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DANCE, GIRL, DANCE

Dança, Rapariga, Dança

de Dorothy Arzner

com Maureen O'Hara, Lucille Ball, Louis Hayward

Estados Unidos, 1940 – 89 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O penúltimo filme de Dorothy Arzner (terceiro filme americano da irlandesa Maureen O'Hara) levou tempo a ser reconhecido como um filme profeminista, além de um melodrama dos bastidores do *show business* nova-iorquino. A interpretação de O'Hara é magnífica, como a de Lucille Ball, sendo a primeira a protagonista, no papel de uma jovem aspirante a bailarina clássica, e interpretando a segunda uma ambiciosa dançarina burlesca que mantém uma relação de amizade-rivalidade, profissional e pessoal, reveladora das suas ambições de vida. A sequência mais célebre é um “one woman show” de Maureen O'Hara que interrompe um número burlesco em palco para desancar o machismo da plateia de homens e mulheres que se entretêm a desprezá-la mas acabam a aplaudi-la de pé. Fazendo o elogio de uma obra coreográfica que implica um estudo de conflitos a vários níveis, Carrie Rickey descreveu-o como um filme “tão subversivo e original como a mulher que o realizou”. Na Cinemateca, foi apresentado em várias ocasiões, a primeira das quais em 1995 (“120 Chaves para a História do Cinema”). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quinta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

SEHNSUCHT NACH FRAUEN: DOROTHY ARZNER (1897-1979)

"Pensando nas Mulheres: Dorothy Arzner"

de Katja Raganelli, Konrad Wickler

Alemanha, 1983 – 47 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Escrito e correalizado por Katja Raganelli, o documentário de produção alemã retrata postumamente Dorothy Arzner, desaparecida em 1979 na sequência de um acidente de automóvel. Raganelli reconstitui o invulgar percurso de Arzner a partir da visita à casa da realizadora, no deserto da Califórnia, em 1980. O material documental e fotográfico de Arzner, excertos de filmes e entrevistas a Esther Ralston concorrem para a composição do retrato de uma protagonista não canónica da história do cinema. A apresentar em cópia digital.



- ▶ Sexta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SARAH AND SON

de Dorothy Arzner

com Ruth Chatterton, Fredric March, Fuller Mellish Jr., Gilbert Emery

Estados Unidos, 1930 – 86 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Ruth Chatterton é Sarah, jovem mulher empenhada em reconquistar a guarda do filho vendido a um casal de milionários pelo escroque com quem se casou e que morre depois de lhe confessar o que fizera. Fredric March desempenha o papel do advogado que a apoia juridicamente nesse combate travado anos depois do sucedido numa altura em que Sarah é internacionalmente conhecida como cantora de ópera e tem meios e estatuto para levar avante a sua luta. Iniciando a filmografia Arzner da década de 1930, SARAH AND SON foi aclamado, na época, como um óptimo *weepie* (vulgo dramalhão) e a interpretação de Ruth Chatterton (nomeada para um Oscar) celebrada, também, pelo feito com a pronúncia de imigrante alemã: "I veel vait!"

- ▶ Segunda-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANYBODY'S WOMAN

de Dorothy Arzner

com Ruth Chatterton, Clive Brook,
Paul Lukas, Huntley Gordon

Estados Unidos, 1930 – 80 min
legendado eletronicamente em português | M/12

É dos filmes menos citados de Dorothy Arzner, com argumento da dramaturga e escritora Zoë Akins (prémio Pulitzer em 1935) que, na sua vida de argumentista, foi uma colaboradora regular da realizadora a partir de SARAH AND SON. De novo contando com Ruth Chatterton no principal papel feminino, ANYBODY'S WOMAN segue a história de um advogado que, sofrendo de um desgosto de amor, se deixa embeber em álcool e casa impulsivamente com uma vizinha, artista de variedades, que em tempos defendera na barra do tribunal. Depois de ponderar a anulação do contrato o accidental casal decide dar uma oportunidade à ligação matrimonial. "Arzner tira grande partido da duplicidade do padrão aplicado a homens e mulheres, tal como a ricos e pobres" (Kenneth Turan, *Los Angeles Times*, 2015).



- ▶ Quarta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HONOR AMONG LOVERS

Honra de Amantes

de Dorothy Arzner

com Claudette Colbert, Fredric March, Monroe
Owsley, Charles Ruggles, Ginger Rogers

Estados Unidos, 1931 – 75 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Numa história ambientada em Wall Street, a personagem de Claudette Colbert é secretária de um negociante por quem está ligada por uma paixão recíproca – a personagem interpretada por Fredric March (depois de WILD PARTY e SARAH AND SON) –, mas casa-se com um corretor da bolsa cometendo um erro que se abeira da fatalidade. Ginger Rogers, que debutara no cinema em 1929 e assinara um contrato com a Paramount no ano seguinte, tem um pequeno papel. "Arzner dá o seu melhor quando realiza filmes que jogam não apenas com as diferenças entre homens e mulheres, mas com diferenças de classe. HONOR AMONG LOVERS não é exceção" (Judith Mayne).





▶ Sábado [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE RED KIMONA

de Walter Lang, Dorothy Davenport (não creditada)

com Priscilla Bonner, Nellie Bly Baker, Carl Miller, Mary Carr, Virginia Pearson, Dorothy Davenport

Estados Unidos, 1925 – 80 min
mudo, com intertítulos legendados eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO
POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Escrito por Adela Rogers St. John a partir de uma história de Dorothy Arzner, produzido e correalizado por Dorothy Davenport (muitas vezes referenciada como Mrs. Wallace Reid e não creditada como realizadora neste filme), *THE RED KIMONA* (também grafado *THE RED KIMONO*) baseia-se num caso verídico de prostituição e homicídio ocorrido em 1917, em Nova Orleães. A mulher que o protagonizou processou a produtora-argumentista-correalizadora invocando o direito ao esquecimento e ganhou o caso (*Melvin v Reid*). Alvo de censura em alguns sítios, o filme inscreve-se no registo “consciência social” da trilogia a que Davenport se dedicou nos anos 1920 (*HUMAN WRECKAGE*, *BROKEN LAWS*, *THE RED KIMONA*) e no molde do melodrama, abrindo com uma declaração da própria Davenport que fala diretamente para a câmara contando a história verídica da personagem interpretada por Priscilla Bonner. Alguns segmentos do filme foram originalmente pintados à mão, característica mantida no restauro em anos recentes.



[foto de rodagem]

▶ Segunda-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Terça-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WORKING GIRLS

de Dorothy Arzner

com Judith Wood, Dorothy Hall, Charles “Buddy” Rogers, Paul Lukas, Stuart Erwin

Estados Unidos, 1931 – 77 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Arzner distinguiu-o como um dos seus trabalhos favoritos, sendo preciso muito tempo para que a sua singularidade, inclusivamente feminista, fosse reconhecida. O enredo segue duas irmãs oriundas do Indiana que vêm instalar-se em Nova Iorque, onde começam a trabalhar como estenógrafa (a mais velha e mais ingénuas) e telegrafista (a mais nova). “Arzner esteve sempre à frente do seu tempo. Em nada amenizou a questão da sexualidade. Como nota Judith Mayne, mesmo no contexto de grande abertura da era pré-Código [Hays], ‘Arzner teve de lutar com os censores por causa do tratamento explícito da gravidez (e portanto do sexo) fora do casamento’. *WORKING GIRLS* é um filme pré-Código extraordinariamente ousado, realizado por uma inteligentíssima feminista lésbica. Dadas as circunstâncias, é surpreendente que o filme tenha sido feito; ainda assim, a Paramount distribuiu-o discretamente. É um milagre que tenha sobrevivido” (Gwendolyn Audrey Foster, *Senses of Cinema*, 2017).

-
- ▶ Terça-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina
 - ▶ Quinta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PARAMOUNT ON PARADE

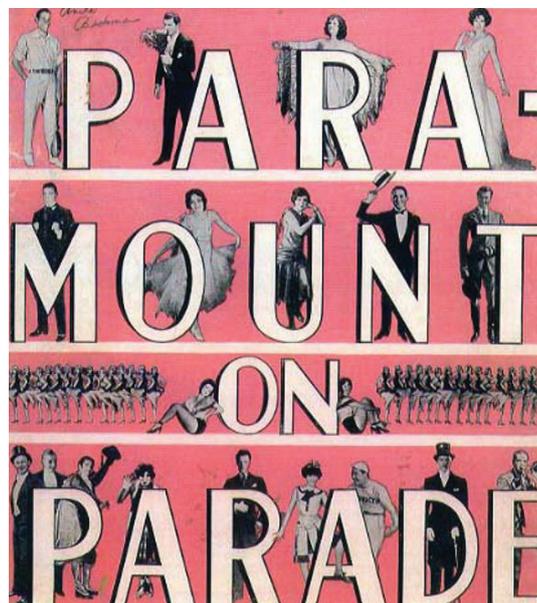
Paramount em Gala

de Dorothy Arzner, Otto Brower, Edmund Goulding,
Victor Heerman, Edwin Knopf, Rowland V. Lee, Ernst Lubitsch, Lothar Mendes,
Victor Schertzinger, Edward Sutherland, Frank Tuttle

com Richard Gallagher, Dennis King (no episódio de Arzner)

Estados Unidos, 1930 – 102 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Este “desfile Paramount” é um musical composto por vinte segmentos de onze realizadores. Tirando Claudette Colbert e os Irmãos Marx, todas as grandes estrelas da Paramount participam na “parada”, produzida por Adolph Zukor e Jesse L. Lasky, escrita por Joseph L. Mankiewicz, fotografada por Victor Milnes e Harry Fischbeck (em Technicolor de duas bandas, no caso de alguns dos segmentos), e supervisionada pela atriz, cantora e letrista Elsie Janis, de que foram feitas versões em várias línguas. Dorothy Arzner assina o segmento intitulado “The Gallows Song – Nichavo”.



-
- ▶ Quarta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
 - ▶ Terça-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CHRISTOPHER STRONG

O Que Faz o Amor

de Dorothy Arzner

com Katharine Hepburn, Colin Clive, Billie Burke, Helen Chandler, Ralph Forbes

Estados Unidos, 1933 – 78 min
legendado eletronicamente em português | M/12

CHRISTOPHER STRONG tornou-se um título de culto nos anos 1970 feministas. Em 1933, ainda pré-Código, com argumento de Zoë Akins na linha original do cinema de Arzner, era o segundo filme de Katharine Hepburn e o primeiro da atriz num papel principal: Lady Cynthia é uma temerária aviadora convicta da sua independência que se apaixona – com inadvertida correspondência – por um homem casado, sendo amiga da filha e da mulher deste (extraordinária Billie Burke). Não corre bem, não há final feliz. Pauline Kael referiu-o como “um dos raros filmes contados na perspetiva sexual de uma mulher”. Ainda que o desfecho fatal baralhe a ousadia da abordagem, restaurando a norma (ser mulher, ter em simultâneo uma carreira e um relacionamento amoroso, que além do mais desafiava a conjugalidade e não negava a decência, seria demais mesmo na Hollywood Pré-Código), CHRISTOPHER STRONG navega uma assinalável complexidade. É também o filme em que Hepburn é esplendorosa no seu fato completo de aviadora e espampanante quando enverga um colante traje prateado para ir a uma festa como se viesse de outro planeta.



- ▶ Quinta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NANA

Naná

de Dorothy Arzner

com Anna Sten, Phillips Holmes,
Lionel Atwill, Richard Bennett

Estados Unidos, 1934 – 87 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O primeiro filme de Anna Sten em Hollywood é uma adaptação do romance de Émile Zola (1880) por Dorothy Arzner, contratada por Samuel Goldwyn para substituir outro realizador na produção da United Artists. Em *Directed By Dorothy Arzner*, Judith Mayne nota que é o único dos seus filmes em que a realizadora aborda diretamente a prostituição, bem como pontos de intersecção com *SARAH AND SON* e *DANCE, GIRL, DANCE*, nos quais o mundo do espetáculo e a sexualidade estão intimamente ligados – “A vida trabalhadora de Nana combina prostituição e o palco. [...] aqui a oposição central é entre o ‘trabalho do sexo’ entendido de duas maneiras: literalmente (como prostituta) e figurativamente (como artista). Alguns dos momentos mais interessantes do filme têm de facto lugar quando existe uma deliberada ambiguidade entre a representação e a sexualidade.”

- ▶ Terça-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CRAIG'S WIFE

Egoísmo de Mulher

de Dorothy Arzner

com Rosalind Russell, John Boles, Jane Darwell,
Billie Burke, Dorothy Wilson, Alma Kruger

Estados Unidos, 1936 – 73 min

legendado eletronicamente em português | M/12



[foto de rodagem]

Rosalind Russell é a protagonista de uma história em que uma mulher manipuladora de tendências obsessivas se dedica a infernizar o espírito das pessoas que a rodeiam, sejam empregados da mansão que parece ser a sua razão de viver, vizinhos, familiares ou o marido. A todos vai perdendo, vendo-os partir da sua casa imaculada. Concentrando a ação num único dia, o argumento de Mary C. McCall Jr. adapta uma peça de George Kelly (1925, prémio Pulitzer em 1926) que teve nova versão *noir* em 1950 com Joan Crawford no exigente papel de Harriet Craig. Mais conhecida como atriz de comédia, Rosalind Russell é exemplar numa interpretação que casa com a perspetiva de Arzner negando o retrato maniqueísta da megera castradora e permitindo vislumbrar o sofrimento humano da personagem. Não menos notável é o restante elenco, com destaque para Billie Burke. Olhar impiedoso sobre o matrimónio, *CRAIG'S WIFE* é um filme de linhas e entrelinhas mais laboriosas do que a sua aparência. Na Cinemateca, foi apresentado em 2009 num programa de filmes baseados em prémios Pulitzer.

- ▶ Quarta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BRIDE WORE RED

A Noiva de Vermelho

de Dorothy Arzner

com Joan Crawford, Franchot Tone, Robert Young, Billie Burke

Estados Unidos, 1937 – 77 min

legendado eletronicamente em português | M/12

No seu filme MGM com Joan Crawford (que ia no sétimo e último dos títulos em que contracenou com Franchot Tone), Arzner adapta uma peça de Ferenc Molnar, mais conhecido como autor de *Liliom* (peça de 1909, adaptada ao cinema por Michael Curtiz ou Fritz Lang), e diverte-se nos Alpes suíços, por montanhas e lagos. História de reflexos e aparências de tom romântico-ligeiro-melodramático, *THE BRIDE WORE RED* joga com as convenções e os papéis sociais numa intriga recheada de reviravoltas, esgrimida entre aristocratas e plebeus, e distintiva na sua perspetiva feminina. O estúdio queria uma “versão Cinderela”, a que a realizadora respondeu trocando as voltas. “*THE BRIDE WORE RED* é uma bofetada cinematográfica na cara do cinismo do mantra da idade de ouro [de Hollywood], ‘o dinheiro antes da arte’, inteligentemente disfarçado como mais um dramalhão interclassista” (Nicholas Butler, *Senses of Cinema*). Não correu bem a Crawford nem a Arzner, de quem seria a penúltima longa-metragem, mas a ligação entre as duas manteve-se vida fora e foi com Crawford que Arzner filmou boa parte dos títulos publicitários que realizou para a Pepsi Cola em finais dos anos 1950. Na Cinemateca, foi apresentado em 1992, numa retrospectiva Joseph L. Mankiewicz (produtor de Arzner para a MGM), e em 2008 na “História Permanente do Cinema”. A apresentar em cópia digital.



- ▶ Quarta-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FIRST COMES COURAGE

Crepúsculo Sangrento

de Dorothy Arzner

com Merle Oberon, Brian Aherne, Carl Esmond, Isobel Elsom

Estados Unidos, 1943 – 88 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A última longa-metragem de Dorothy Arzner assenta numa história em linha com o seu tempo, os meandros da espionagem e contra-espionagem da II Guerra Mundial, os seus heróis e heroínas. Merle Oberon interpreta uma mulher odiada pelos seus concidadãos que, numa pequena comunidade norueguesa ocupada, nela veem uma colaboradora dos nazis sem descortinarem como arrisca a vida pela Resistência. O argumento adapta um romance de Elliott Arnold; o filme foi concluído por Charles Vidor (não creditado) quando Arzner adoeceu gravemente. “Há ecos curiosos, nos últimos momentos do filme, de um título muitíssimo mais conhecido, distribuído no mesmo ano – *CASABLANCA*. [...] *FIRST COMES COURAGE* dá a volta às convenções de género dos filmes de guerra / de espionagem e, no curso desse processo, celebra a obra de uma mulher, não *nos termos* do amor e do romance, nem como um *substituto* do amor e do romance, mas por aquilo que torna possível tudo o resto” (Judith Mayne).



O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER

Na página eletrónica da Cinemateca encontra-se um texto que apresenta mais longamente a figura de Dorothy Arzner. Tirando SARAH AND SON e WORKING GIRLS, os seus filmes tiveram estreia comercial portuguesa. À exceção de MERRILY WE GO TO HELL, CRAIG'S WIFE, THE BRIDE WORE RED e DANCE, GIRL, DANCE, os filmes de Arzner são apresentados pela primeira vez na Cinemateca, tal como THE RED KIMONA. Tirando os três casos assinalados nas notas seguintes, a exhibir em digital (DCP), os filmes são apresentados em cópias 35 mm da UCLA e da Library of Congress.



Programa sujeito a alterações

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros
Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros
Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262
Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 13h30 às 21h30: tel. 213 596 262
Venda online em cinemateca.bol.pt

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Biblioteca

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30
Disponível estacionamento para bicicletas
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt